

## RESENHA DE “L’ITALIA TRADOTTA”

## RESENHA DE “A ITÁLIA TRADUZIDA”

**Kelvin Falcão Klein<sup>1</sup>**

PETERLE, Patricia; PATAT, Alejandro; SANTURBANO, Andrea (Orgs.). **L’Italia Tradotta**. 1 ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora 7Letras, 2024. 164.

Breve biografia dos autores da obra resenhada: Alejandro Patat é professor de Literatura Italiana na Università per Stranieri di Siena (Itália) e na Universidad de Buenos Aires (Argentina); Andrea Santurbano é tradutor e professor associado de Língua e Literatura Italiana na Universidade Federal de Santa Catarina; Patricia Peterle é crítica literária, tradutora, pesquisadora do CNPq e professora de literatura italiana na Universidade Federal de Santa Catarina.

O livro *L’Italia tradotta*, organizado por Andrea Santurbano e Patricia Peterle, professores da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), e por Alejandro Patat, professor da Università per Stranieri di Siena (Itália) e da Universidad de Buenos Aires (Argentina), é fruto de um congresso realizado no Rio de Janeiro, em 26 de agosto de 2024, no Istituto Italiano di Cultura, que também apoia a edição. O evento faz parte de uma iniciativa mais ampla: um projeto de cooperação internacional intitulado “Conectando Culturas”, financiado pelo CNPq, que é, por sua vez, um desdobramento das atividades já tradicionais do Núcleo de Estudos Contemporâneos de Língua e Literatura Italiana (NECLIT), vinculado ao Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras e ao Programa de Pós-Graduação em Literatura do Centro de Comunicação e Expressão da UFSC. Entre as várias iniciativas dignas de nota do Núcleo, está a produção, manutenção e atualização do Dicionário Bibliográfico da Literatura Italiana Traduzida no Brasil ([www.dblit.ufsc.br/](http://www.dblit.ufsc.br/)), ferramenta de pesquisa que extrapola os limites do mundo

---

<sup>1</sup>Doutor em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Professor de Literatura Comparada na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5989162165563233>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8997-1174>. E-mail: [kelvin.klein@unirio.br](mailto:kelvin.klein@unirio.br).

acadêmico e que se apresenta à sociedade como um marco da divulgação cultural no Brasil.

No primeiro texto da coletânea, “*Risuonare altrove. Due traduzioni di una poesia di Eugenio Montale*” (“*Ressoar alhures. Duas traduções de uma poesia de Eugenio Montale*”), Patricia Peterle retoma parte da obra do escritor italiano Eugenio Montale (1896-1981), vencedor do Prêmio Nobel de Literatura em 1975. O artigo analisa um dos poemas de *Ossos de sépia*, livro paradigmático de Montale, publicado originalmente em 1925, “*Spesso il male di vivere ho incontrato*” (“*Muito tenho o mal de viver encontrado*”). Duas traduções distintas são analisadas – a primeira assinada por Marcos Siscar, em 1988, e a segunda por Renato Xavier, em 2002 –, tendo seus procedimentos e estratégias finamente dissecadas pela autora.

O segundo texto, intitulado “*La poesia di Cesare Pavese in Brasile: frammenti di letture, traduzioni, interpretazioni*” (“*A poesia de Cesare Pavese no Brasil: fragmentos de leituras, traduções, interpretações*”), de autoria de Elena Santi (professora da Universidade Federal de Juiz de Fora), comenta o panorama tradutório da poesia de Cesare Pavese (1908-1950), escritor, editor e tradutor que atuou em vários gêneros. Santi destaca a forte presença de Pavese no mercado editorial brasileiro a partir dos anos 1980, época de lançamento de títulos como *A lua e as fogueiras* (tradução de Sérgio Lamarão, 1986), *O belo verão* (tradução de Vilma de Katinszky Barreto de Souza, 1987), *Mulheres sós* (tradução de Julia Marchetti Polinesio, 1988), e *O ofício de viver* (tradução de Homero Freitas de Andrade, 1988). O foco do artigo, contudo, está na análise comparativa de traduções da coletânea poética *Verrà la morte e avrà i tuoi occhi* (*Virá a morte e terá os teus olhos*), que teve duas edições nos últimos anos no Brasil (a primeira com tradução de Francisco De Matteu, Daniel Delatin e Cristiano Passos; a segunda com tradução de Elena Santi e Cláudia Tavares Alves), além de versões anteriores do poema que dá título ao livro (por parte de Maria Betânia Amoroso e Maurício Santana Dias).

Em sua contribuição (“*Esercizi di stile: tradurre Michele Mari*”, “*Exercícios de estilo: traduzir Michele Mari*”), Andrea Santurbano comenta sua experiência com o texto de um dos escritores italianos mais destacados na cena contemporânea, o escritor milanês Michele Mari. Santurbano conta que, em parceria com Victor Gonçalves Bento, realizou a tradução de um livro de Mari de 1993, lançado pela editora Bompiani (reeditado pela Einaudi em 2004 e 2015), *Euridice aveva un cane*. Transformado em

*Eurídice tinha um cão*, o livro de contos tem como previsão de lançamento este ano de 2025, pela editora Relicário, de Belo Horizonte. O autor do artigo destaca que a tradução de Mari se justifica não apenas pela posição proeminente do escritor na atualidade, mas, especialmente, pela inventividade de seu estilo e pela audácia na escolha de seus temas (bem como pela estreita relação que Mari mantém com a tradição literária, tendo sido, até 2020, professor de Literatura Italiana na Università Estatale de Milão).

“Tradurre le donne del XXI secolo: il caso Antonella Lattanzi” (“Traduzir as mulheres do século XXI: o caso Antonella Lattanzi, de Julia Scamparini (professora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro), começa com um panorama das traduções atuais de escritoras italianas no Brasil, citando nomes como Teresa Ciabatti (autora do romance *A mais amada*), Carmen Gallo (*As fugitivas*), Elena Ferrante (*As margens e o ditado*, entre vários outros), Lisa Ginzburg (*Cara paz*), Diletta D’Angelo (*Defrost*), Valentina Maini (*O emaranhado*) e Patrizia Valduga (*Sabe seduzir a carne a palavra*). Após esse preâmbulo, Scamparini apresenta comentários sobre sua tradução em andamento do romance autobiográfico *Coisas que não se dizem*, de Antonella Lattanzi, destacando, entre outros elementos, o modo como a autora utiliza os tempos verbais (com uma estratégia deliberada de mescla de registros temporais) e as frases breves, imprimindo velocidade à narrativa.

Em seguida, Alessandra Vannucci (professora na Universidade de Turim e na Universidade Federal do Rio de Janeiro) apresenta “L’eco della voce nella traduzione per le scene” (“O eco da voz na tradução para o teatro”), uma análise do movimento tradutório (do livro para a cena e de volta ao livro) na especificidade do campo teatral. Para tanto, analisa três comédias do repertório de clássicos da dramaturgia italiana: *La moscheta* (1527), de Angelo Beolco, conhecido como Ruzante, peça publicada em português com o título *Ruzante; Candelaio*, de Giordano Bruno (1582), publicada em português com o título *Castiçal*, mais tarde incorporada à edição crítica do autor, *Obras italianas* (2023); por fim, *La Bottega del caffè*, de Carlo Goldoni (1750), traduzida simplesmente como *Café* e, mais tarde, incorporada à primeira antologia de obras de Goldoni publicada no Brasil, em 2020. Vannucci apresenta, em seu comentário, um percurso que dá conta não apenas das escolhas tradutórias no nível léxico e semântico, mas como esse primeiro contingente de soluções pode ser transformado no momento em que a tradução é utilizada no palco.

Gisele Batista da Silva, por sua vez (professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro), no artigo “Per insegnare dilettando: lingua e mediazione culturale nella traduzione del libretto d’opera *Gli Arabi nelle Gallie* (1855)” (“Para ensinar com diversão: língua e mediação cultural na tradução do libreto de ópera *Os árabes na Gália* (1855)”), resgata a figura de Alessandro Galleano-Ravara, fundador de um periódico bilíngue (italiano-português) no Rio de Janeiro de 1854. Galleano-Ravara é apresentado como um experimentador da língua e da tradução, um intelectual inovador que contribuiu enormemente para a construção dos laços (simbólicos e linguísticos) entre Itália e Brasil (tendo escrito, por exemplo, em 1852, um *Album Italo-Portuguez*, dedicado ao rei de Portugal).

A contribuição de Amanda Bruno de Mello (professora da Universidade Federal de Santa Catarina), “Le giullarate di Dario Fo in Brasile: il *Mistero Buffo* tradotto da Neyde Veneziano”, é dedicada ao escritor italiano Dario Fo (1926-2016), Prêmio Nobel de Literatura em 1997. O foco principal do artigo está na análise da recente tradução, realizada por Neyde Veneziano, da obra *Mistero buffo*, de Fo. A empresa é particularmente desafiante na medida em que o autor utiliza um dialeto do italiano para a criação de sua obra, dialeto este, porém, que não corresponde a uma língua existente: é um dialeto teatral, fabricado por Fo levando em consideração, também, seu uso em cena. Diante desse cenário, e da inexistência de ocorrências dialetais semelhantes às italianas no português brasileiro, a autora destaca a dificuldade do trabalho de tradução para o português das obras de Dario Fo, na medida em que este utiliza amplamente o registro popular e informal do idioma.

Emanuel França de Brito (professor da Universidade Federal Fluminense, UFF), em sua contribuição intitulada “Tradurre il Medioevo in tempi post-coloniali” (“Traduzir a Idade Média em tempos pós-coloniais”), apresenta uma leitura contrastiva do passado com o presente, partindo de sua experiência ensinando textos italianos dos séculos XIII a XVI. Para tanto, articula a presença de Dante e Petrarca nas literaturas latino-americanas com as ideias de autores como Oswald de Andrade, Câmara Cascudo e Pierre Clastres, colocando em questão noções como “Renascimento”, “colonização” e “genealogias eurocêntricas”. Com isso, chega à ideia de que é não apenas possível, mas recomendável, visitar momentos históricos canônicos (como a formação das literaturas nacionais na

Idade Média, por exemplo) a partir das experiências e das perspectivas de territórios anteriormente colonizados, como foi o caso do Brasil.

Lucia Wataghin (professora da Universidade de São Paulo, USP) apresenta a contribuição intitulada “Storia di Zinevra riletta, rinarrata, travisata” (“A história de Zinevra relida, recontada, deturpada”), que retoma o *Decameron*, de Boccaccio, para analisar a recepção brasileira de uma de suas novelas, aquela de “Zinevra”. O artigo dá conta da utilização feita da novela de Boccaccio na literatura de cordel brasileira, especificamente na *História de Bernardo e Dona Genevra*, de José Galdino da Silva Duda, na qual a personagem aparece como avatar da “donzela sábia”. Outras ocorrências são registradas e analisadas, como a *História da donzela Teodora*, de Leandro Gomes de Barros, *Helena, a virgem dos sonhos*, drama de Manoel Pereira Sobrinho, e a *História da imperatriz Porcina*, mulher virtuosa que é caluniada, ultrajada e, por fim, absolvida por sua fé na Virgem Maria.

Em seguida, Grazielle Frangiotti (professora da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC) apresenta uma interessante análise dos contatos e interferências recíprocas entre texto e imagem no capítulo “*Il Principe a fumetti: la traduzione in bilico tra innovazione e conservazione*” (“*O Príncipe em quadrinhos: a tradução no equilíbrio entre inovação e conservação*”). Como fica claro desde o título, o objeto da análise é o clássico do pensamento político de Niccolò Machiavelli, *O príncipe*, e sua adaptação para os quadrinhos lançada em 2008 pela editora Escala Educacional, com texto de André Diniz e ilustrações de Daniel Brandão (parte da coleção Filosofia em Quadrinhos). Levando em consideração o fato de que a adaptação enxuga drasticamente o texto – a obra original tem 28 mil palavras, enquanto a história em quadrinhos, 5 mil –, o artigo se dedica à análise das técnicas adotadas nesse processo de transposição.

Em “Alla ricerca di un Paideuma. Haroldo de Campos traduce dalla letteratura italiana” (“Em busca de um Paideuma. Haroldo de Campo traduz da literatura italiana”), Andrea Lombardi (professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ) comenta o relacionamento de Haroldo de Campos com a literatura italiana, com ênfase em seus esforços tradutórios nesse campo (como a coletânea organizada por ele com traduções de poetas italianos de diferentes épocas: Cavalcanti, Guinizelli, Dante, Ungaretti, entre outros). Em paralelo, o artigo apresenta uma reflexão sobre o pano de fundo teórico que

sustenta a prática tradutória de Haroldo de Campos, articulando-o com nomes como Jacques Derrida e George Steiner.

Na última contribuição do volume, “Sintesi dei problemi della traduzione della letteratura italiana in Argentina” (“Síntese dos problemas da tradução de literatura italiana na Argentina”), Alejandro Patat apresenta uma sofisticada argumentação baseada em dois eixos: de um lado, a identificação dos elementos italianos que, historicamente, foram privilegiados no interior da cultura argentina; de outro, a apresentação dos traços principais dos modelos que nortearam a difusão de traduções nesse mesmo contexto. Uma série de trabalhos são citados, como *Las traducciones argentinas de Dante. De Mitre a Borges*, de Claudia Fernández Speier (tradutora da *Divina Comédia* de Dante para o espanhol), ou ainda o volume coletivo *Traductores y traducciones en la historia de América Latina*, coordenado por Andrea Pagni Gertrudis Payàs e Patricia Willson, o que evidencia a variedade e produtividade do campo de pesquisa apresentado pelo artigo.

O volume se encerra com um posfácio de Marco Marica, diretor do Instituto Italiano di Cultura do Rio de Janeiro, que destaca a importância da iniciativa do evento de colocar em debate, pela via da tradução, a presença da literatura italiana nas culturas latino-americanas. Esse é, sem dúvida, o tom geral do volume, mas sua contribuição mais relevante está no modo como os artigos, restritos a seus horizontes argumentativos, dão mostra da riqueza do panorama de pesquisa no que diz respeito aos atravessamentos culturais entre Itália, Brasil e Argentina. Em cada capítulo, reconhecemos não apenas os fatos e as informações, mas também as feições específicas de cada investigação, os percursos únicos de pesquisadoras e pesquisadores através das questões que movimentam, dia após dia, seus trabalhos. Essa variação de experiências e pontos de vista condensada no volume *L'Italia tradotta*, de resto, condiz com aquilo que esperamos da própria ideia de “universidade”: uma comunidade fundada na troca e na diferença.

## Referências

PETERLE, Patricia; PATAT, Alejandro; SANTURBANO, Andrea (Org.). *L'Italia Tradotta*. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2024.

Submetido em 13 de fevereiro de 2025.

Aceito em 23 de junho de 2025.